abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

A LINGUAGEM LITERÁRIA E TENSÃO CRÍTICA EM JOÃO GUIMARÃES ROSA

Leomir Silva de Carvalho (UFPA/ CAPES)
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (UFPA)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o conflito entre inovação literária e tradição em textos críticos de Wilson Martins sobre João Guimarães Rosa, em contraste com ensaios de Haroldo de Campos em que o autor mineiro é destacado como um expoente da escrita inventiva. Toma-se o conceito de quebra de horizonte de expectativa estabelecido por Hans-Robert Jauss, em *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1994) e no ensaio posterior "A estética da recepção: colocações gerais" (1979), para analisar como as propostas estéticas de Guimarães Rosa interferem na tradição. Martins atuou como crítico literário e escreveu os sete volumes referentes à série *História da inteligência brasileira*. Nos artigos intitulados "Radiografia de *Sagarana*" (1979) e "Um novo Valdomiro Silveira" (1991), Martins mostra-se reservado quanto ao valor do autor mineiro, revelando estranheza em relação à sua linguagem considerada, entre os regionalistas, apenas uma expressão menor do pitoresco. Como contraponto a essa análise, Haroldo de Campos, desde sua atividade junto à vanguarda concretista, busca uma nova prática poética e crítica. Desse modo, o caráter esteticamente produtivo da escrita rosiana é ressaltado nos ensaios "Da tradução como criação e como crítica" (2006) e "A linguagem do Iauaretê" (2006). Ao lado disso, no texto "Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira" (2006) observa-se que, para Campos, a América Latina pode se relacionar de maneira autônoma com a tradição. Para isso, problematiza a ideia de universalidade, muito utilizada por Martins como atributo valorativo.

Palavras-chave: Linguagem literária. Tradição. João Guimarães Rosa.

Guimarães Rosa em suas primeiras publicações, *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956) e *Grande sertão: veredas* (1956), provoca reações controversas em seus primeiros leitores. Se, em parte, a obra do autor mineiro é bem recebida, em outra, o estranhamento conduz a uma crítica negativa, que procura classificar o autor estritamente no cânone regionalista e enfatizar elementos locais para deslocá-lo em direção a um discurso sobre o pitoresco e o exótico de uma região afastada do país, em específico, o sertão.

Entre esses primeiros leitores destaca-se Wilson Martins, crítico e pesquisador, que produziu densos escritos a respeito da obra do autor mineiro, sob uma perspectiva divergente da aprovação de especialistas e editores nacionais e estrangeiros. Os artigos "Um novo Valdomiro Silveira" (1991) e "Radiografia de Sagarana" (1946) se encontram nessa dimensão da crítica rosiana. Para proceder ao estudo que esse artigo se propõe,

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

far-se-á uso, primeiramente do conceito de "horizonte" segundo a Estética da Recepção de linha jaussiana, para analisar o horizonte de expectativa em que o crítico estava inserido e observar a tensão com o horizonte da obra ressaltando que esse choque se dá sobretudo pelo estranhamento com a linguagem do autor mineiro.

Em seguida, avalia-se que, sob uma perspectiva histórica, o projeto literário rosiano, que se configura desde suas primeiras obras, é o antecessor imediato das reflexões de outros intelectuais e poetas, como os da vanguarda concretista. Decio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos nos manifestos que constituem as primeiras diretrizes do grupo, lançados conjuntamente no "Suplemento Dominical" do *Jornal do Brasil* em 1956, buscam um exercício poético capaz de quebrar com normas tradicionalistas.

Por fim, dialoga-se com o pensamento de Haroldo de Campos, no ensaio "Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira" (2006), realizando um paralelo com questões que se colocam com a leitura de Martins como a problematização do universal e a focalização da cultura nacional sob uma perspectiva não servil.

Na conferência ministrada por Jauss, durante a abertura do ano letivo de 1967 da Universidade de Constança, o teórico alemão reconhece a necessidade de repensar a história da literatura sob outros métodos e práticas científicas.

O texto de sua palestra inicia com um breve diagnóstico da conjuntura de marasmo enfrentada pela disciplina: "Em nossa vida intelectual contemporânea, a história da literatura, em sua forma tradicional, vive tão-somente uma existência nada mais que miserável, tendo se preservado apenas na qualidade de uma exigência caduca do regulamento dos exames oficiais" (JAUSS, 1994, p. 5). Jauss observa o declínio da história da literatura no ensino secundário, na pesquisa dentro das universidades e na crítica literária. Nesse contexto, as publicações recentes da disciplina figuravam apenas como adorno para as estantes da "burguesia instruída".

Diante do problema, Jauss assume o desafio de redefinir o papel da história da literatura na atualidade. Para isso, propõe que a disciplina transfira o foco da obra e do autor, para o leitor baseado no reconhecimento de que "a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas quanto históricas" (JAUSS, 1994, p. 23).

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

O conceito de horizonte, já presente na Conferência de Constança, é uma contribuição advinda do campo da hermenêutica filosófica, na linha de Hans-Georg Gadamer, exposta em seu livro *Verdade e Método* (2005), publicado pela primeira vez em 1960. Com a ideia de *horizonte de expectativa*, o pensador alemão quer acentuar o paralelo entre experiência do real e experiência literária, em que a relação com o novo se realiza tendo o conhecimento prévio como base do acesso à realidade. Essa relação, portanto, não acontece como um dado pronto, mas como um processo em que as normas antigas podem se mostrar insuficientes e exprimirem a necessidade de outros parâmetros de análise capazes de tornar o novo passível de ser experimentado.

Em resumo, para que o horizonte de expectativa se concretize, convertendo-se em critério objetivo de análise, é preciso observar o gênero, outras obras do mesmo contexto histórico-literário e a interação entre experiência literária e experiência de vida. Em diálogo com a obra, o receptor é quem confere mobilidade à história literária e permite que aconteça continuidade, rompimento ou inovação.

João Guimarães Rosa, logo em suas primeiras publicações foi bem recebido pela crítica em todo o Brasil. O autor mineiro também chama a atenção de editoras e tradutores estrangeiros. As primeiras traduções surgem ainda na primeira década de publicação das obras no país natal do autor e granjeiam a atenção de críticos e leitores renomados na América Latina e fora dela.

No entanto, a obra rosiana também desperta apreciações negativas que percebem as inovações do autor brasileiro como meras estereotipificações da linguagem sertaneja e buscam reduzir a obra de Guimarães Rosa, ora por duvidar de suas especificidades ora por, uma vez identificado como regionalista, tentar atá-lo a critérios classificatórios.

A aridez da obra de Guimarães Rosa desperta um interesse prolongado de leitores não convencidos dos méritos do autor mineiro. Um deles é Wilson Martins (1921-2010), crítico literário e autor dos sete volumes referentes à série *História da inteligência brasileira*. Martins, ainda no ano de lançamento de *Sagarana* (1946), mostra-se reservado quanto ao valor do novel escritor no texto "Radiografia de *Sagarana*" publicado no ano de lançamento da obra. Outra extensa crítica sobre

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Guimarães Rosa sai em 1956, incluindo *Grande sertão: veredas* (1956) entre *Sagarana* e as novelas de *Corpo de Baile* (1956).

Sob o título "Um novo Valdomiro Silveira", Martins no texto de 1956, põe em relevo elementos que, segundo ele, confirmam as reservas registradas na crítica anterior e acrescenta novos argumentos para fundamentar seu ponto de vista, contrário à recepção positiva do autor mineiro. De acordo com o crítico, Guimarães Rosa repisa a mesma fórmula em todos os seus livros, o que faz com que seus contos, tomados em conjunto, não se aproximem de autores que considera "universais". Essa repetição termina fazendo com que suas criações resvalem no pitoresco: "O escritor mineiro, ao contrário, vê o indivíduo através do homem, restringe-se, sem o querer [...] a um canto reduzido do regional e tem mais brilho do que profundeza, mais pitoresco do que humanidade" (MARTINS, 1991, p. 172). Por meio do pitoresco a escrita de Guimarães Rosa é ligada a de Valdomiro Silveira e Afonso Arinos.

Ao lado disso, outro aspecto desabonador é a "redução" do humano ao animal: "esse estranho universo em que o homem se vê reduzido à sua expressão vegetativa mais imediata, enquanto os animais monopolizam a variada complexidade do sensível" (MARTINS, 1991, p. 172). Martins também aponta em Guimarães Rosa um "excessivo" pendor aos jogos que tem a monotonia como consequência quando seus contos são lidos em conjunto.

Em seguida, na parte II de seu texto, Martins se atém a *Grande sertão: veredas* constatando que Guimarães Rosa demonstra ser com esse romance escritor de um mesmo personagem, o vaqueiro ou o jagunço, empobrecendo sua escrita no caráter social e linguístico.

O crítico considera a relevância do autor mineiro entre os autores regionalistas, entretanto justifica de maneira paradoxal suas ressalvas. Segundo ele, Guimarães Rosa peca por ser demasiadamente literário. A recriação da linguagem na pena do crítico torna-se fator para desprestigiar o autor. Para Martins a palavra fascina Guimarães Rosa, que se utiliza de "truques" sonoros e de composição para explorar a palavra em suas virtualidades:

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> O estilo de Guimarães Rosa é, pois, artificial, em dois sentidos: em primeiro lugar, por ser inteiramente inventado por ele, partindo de uma matéria-prima já agora de impossível identificação; em segundo lugar, porque, sendo assim, não corresponde à realidade que, em princípio, devia interpretar. Do ponto de vista mais diretamente gramatical, esse estilo repousa em alguns processos muito simples: antes de mais nada, ele costuma inverter certas construções comuns, deslocar palavras do lugar tradicional nas frases feitas (MARTINS, 1991, p. 178-9).

Martins indica motivos para reprovar o artificialismo na obra de Guimarães Rosa, a ser: a indeterminação do conjunto de elementos que confluem na escrita do autor e sua falta de fundamento sociológico. Em verdade, percebe-se no crítico a dificuldade de encontrar um lugar comum onde mergulhar a obra do autor mineiro, que foge das expectativas inerentes ao gênero que tenta identificá-lo.

Dentre outros aspectos que corroboram para a fuga do escritor em relação à forma literária esperada está a inverossimilhança que Martins afirma encontrar em Guimarães Rosa, que apresenta a fala do jagunço sem representá-la, ou seja, sem corresponder ao que o crítico espera da voz de um vaqueiro que classifica como pessoa naturalmente "rude". Por conseguinte, ao acusar o escritor de tipificar o homem da terra, Martins termina por ele próprio estereotipar o jagunço, já que preferia encontrar nas páginas de *Grande sertão: veredas* um indivíduo sem profundidade, caráter que aparece com maior frequência nos autores regionalistas que precedem Guimarães Rosa.

Como se observa brevemente na produção crítica de Martins sobre o autor mineiro, nem sempre as apreciações dos leitores coadunam com as diretrizes de uma obra. Se esta apresenta um caráter inovador essa relação se torna mais tensa confrontando-se com aspectos sociais e históricos que se enlaçam nesse encontro.

A boa recepção de Guimarães Rosa contrasta com vozes dissonantes que examinavam sua obra apenas como manifestação confusa de regionalismo. Martins é o crítico que escreve os textos mais prolongados, expondo aspectos que considera negativos a respeito do empreendimento estético do escritor mineiro.

Os temas levantados por Martins inquietavam outros intelectuais interessados em compor novos parâmetros para a crítica e a cultura nacionais. O grupo responsável pela revista *Noigandres*, formado por Augusto e Haroldo de Campos e Decio Pignatari,

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

assumem a dianteira desse pensamento com o movimento concretista. Em Manifestos publicados de modo concomitante no "Suplemento Dominical" do *Jornal do Brasil*, em 1956, os autores se mostram interessados não só em estabelecer uma nova prática poética, mas também em promover uma crítica capaz de repensar a tradição.

Decio Pignatari avalia a produção anterior como apática e entregue à fixidez "o jargão crítico do pós-guerra. vegetativo, reacionário. joão cabral não fez outra coisa senão combater, didático, lúcido, [...] fundar uma tradição do rigor. volpi. para que o artista brasileiro não decaia depois dos quarenta" (PIGNATARI, 2006, p. 70). Augusto de Campos firma a linguagem sob um ponto de vista histórico e dinâmico como eixo principal do movimento que "recusa-se a absorver as palavras como meros veículos indiferentes, sem vida sem personalidade sem história – túmulos-tabu com que a convenção insiste em sepultar a ideia" (CAMPOS, 2006, p. 71). Haroldo de Campos, na "Introdução à 1ª edição" (1965) da coletânea de manifestos e artigos daquele período afirma que o concretismo "Ofereceu, pela primeira vez, uma totalização crítica da experiência poética estante, armando-se de uma visada e de um propósito coletivos" (p. 9).

Haroldo de Campos reconhece em Guimarães Rosa, modelo de escrita inventiva. Assim, no ensaio "Da tradução como criação e como crítica", proferido pela primeira vez em 1962, no III Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, ocorrido na Universidade da Paraíba, Campos afirma que textos como os do autor mineiro adotam expedientes comumente ligados à poesia, como a preocupação com a palavra, estando ao lado de escritores como James Joyce, Oswald e Mario de Andrade (CAMPOS, 2006, p. 34). E, em "A linguagem do Iauaretê", o crítico paulistano analisa a complexidade presente na linguagem do conto, enfatizando a mescla com tupinismos e um africanismo que o constitui. Segundo Campos: "O LUGAR privilegiado que a prosa de Guimarães Rosa ocupa no ficcionismo de nossos dias se explica por uma coisa: sua maneira de considerar o problema da linguagem" (CAMPOS, 2006, p. 57)

Campos confere grande importância ao modo como Guimarães Rosa intervém na linguagem, o que adensa o contraste com a crítica negativa de Martins. Nela observa-se o vínculo servil com a cultura europeia que, em seus artigos sobre o autor mineiro, se

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

evidencia nos defeitos que ressalta nas obras que examina. Entre eles estão: 1. Primeiramente, a continuidade da mesma fórmula que, nas palavras de Martins, distancia Guimarães Rosa dos autores considerados universais. No entanto, acerca dessa questão deve-se problematizar o que o crítico identifica como universal, que não é respondido em nenhum dos artigos analisados. 2. O segundo ponto que Martins concebe como negativo na escrita de Guimarães Rosa é a linguagem. Esta é tomada como repetitiva, causando o esvaziamento dos personagens, o que torna sua obra uma expressão do pitoresco, estando apenas um grau acima dos autores regionalistas precedentes, dentre os quais cita Valdomiro Silveira e Afonso Arinos. Desse modo, configura-se o horizonte de expectativa no qual o crítico estava mergulhado que por meio do estranhamento revela o choque causado pelas inovações trazidas por Guimarães Rosa.

Campos no ensaio "Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira" (2006) problematiza as questões inseridas no horizonte de expectativa de Martins. Ao analisar comparativamente a crítica de ambos, constata-se, acerca do primeiro ponto, que o conceito de universalidade é posto em discussão. Para Campos, ao utilizar-se de tal critério valorativo, a crítica tem como referência apenas a produção européia e, sobretudo, considera que o subdesenvolvimento, critério econômico, pode ser estendido ao âmbito cultural. Essa tendência, então, deve ser modificada compreendendo a dinâmica cultural própria da América Latina, e especificamente do Brasil, que encontra na antropofagia maneira de estabelecer com o estrangeiro uma relação de insubmissão capaz de selecionar do dito universal apenas o que considera relevante e por meio de quebras e desvios compor uma nova tradição que tem na autonomia uma de suas linhas mestras.

Sobre o segundo ponto, acerca do pitoresco destacado por Martins, Campos não considera a existência desse aspecto na obra de Guimarães Rosa. Por conseguinte, avalia-se que ao apontar esse caráter, a crítica de Martins se liga a um segundo fator relativo ao horizonte precedente que enfatiza o binarismo entre cultura/ primitivo que torna o segundo menor que o primeiro e não o reconhece como fator relevante para compreender as relações que se dão no âmbito cultural. A questão se evidencia na visão

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

de Martins sobre o "jagunço" desconsiderando a complexidade presente em sua linguagem. Campos por outro lado, almeja desvincular-se de uma abordagem estritamente realista constatando que Guimarães Rosa se preocupa sobretudo em recriar a linguagem, sem a intenção de "retratar" a fala do jagunço, mas em utilizá-la como um dos elementos configuradores do texto.

Referências

CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; PIGNATARI, Decio. *Teoria da poesia concreta:* textos críticos e manifestos 1950-1960. Cotia: Ateliê, 2006, 286 p.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas:* ensaios de teoria e crítica literária. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006, 311 p.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

_____. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A literatura e o leitor*: textos de estética da recepção. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, 211 p.

MARTINS, Wilson. Um novo Valdomiro Silveira. *Pontos de vista: crítica literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. v. 2, p. 171-182.

_____. *História da Inteligência Brasileira (1933-1960)*. São Paulo: Cultrix, 1979. v. 7. 697 p.

ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile*: *sete novelas*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956. 2 v.

_____. *Grande sertão: veredas.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1956, 594 p.